

Mistério e revelações na atividade de contação de histórias

JARDIM, Mari Luíze Tomaz
COSME, Ana Luísa Feijó
PADOVANI, Luciana Zardo
PIVA, Mairim Linck (orientador)
luizetomaz@hotmail.com

Evento: XVIII Seminário de Extensão
Área do conhecimento: Literatura e Ensino

Palavras-chave: literatura; leitura; contação de histórias.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência sobre a prática de contação de histórias desenvolvida no projeto “Oficina de contação: a formação de leitores”, coordenado pela professora Dr^a Mairim Linck Piva (FURG), e vinculado ao projeto “Socializando leitura”, da mesma Universidade, que tem como premissa principal a formação tanto de mediadores de leitura, quanto de leitores de literatura, auxiliando o despertar do gosto pela leitura.

Nesse sentido, o objetivo desse relato é apresentar uma das ações realizadas na turma de 2º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental em Tempo Integral Prof. Valdir Castro, localizada na cidade de Rio Grande. A ação desenvolvida contempla a leitura da história *O mistério da floresta*, da autora Gerusa Rodrigues Pinto, obra pertencente ao acervo da biblioteca da escola. A escolha do texto mencionado ocorreu em razão deste possuir temática relacionada ao “terror”, que foi indicada pelos próprios alunos no decorrer do projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ato de ler, mais do que apenas uma ação de decodificação, propicia o desenvolvimento de diversos aspectos importantes no desenvolvimento intelectual do leitor. Para Alberto Manguel (1997), a experiência da leitura suscita memórias subjacentes ao texto lido, como a infância e a vida escolar, a memória pessoal, a memória histórica e a história propriamente dita, interferindo nas relações sociais.

O tempo da leitura é entendido como um meio de “refletir e pensar em possibilidades diferentes da vida” (MACHADO, 2009, p. 18), já que a ficção envolve um aparato simbólico que permite diferentes interpretações, as quais fazem significar e ressignificar o que é lido no contato com outros textos e com a própria vida. Nesse exercício de (re)criar sentidos, o espaço escolar passa a ter papel importante, visto que, segundo Regina Zilberman (1991), é delegada à escola a função de despertar na criança o gosto pela leitura. Dessa forma, as atividades propostas em sala de aula, a partir da leitura, devem estimular o interesse dos alunos, não apenas servindo de pretexto para o ensino de gramática, conforme explicação de Marisa Lajolo (1982).

3 MATERIAIS E MÉTODOS (ou PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

A atividade de leitura em questão iniciou a partir da contação da história *O mistério da floresta* (1996) que narra o episódio inusitado do aparecimento de um “monstro”, cuja voz sinistra bradava que ele seria o novo dono da floresta,

determinando a expulsão de todos os animais do seu domínio. O conflito da narrativa gira em torno de os personagens tentarem descobrir de onde vem a mencionada voz e a quem ela pertence, a fim de conseguirem permanecer em seu local de convivência.

Considerando-se o mistério que envolve a questão, o grupo de voluntários propôs que a história fosse contada suprimindo o final, quando seria revelado o vilão. Nesse momento, os alunos deveriam exercitar a imaginação, desenhando aquele que seria o “monstro” na concepção de cada um, criando um nome para ele e explicando a razão de ele ter invadido a floresta. Após a realização da atividade, as crianças apresentaram suas criações e posteriormente o final da história foi lido.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

O final da atividade proposta foi um momento gratificante, pois a socialização de cada “monstro” criado mostrou a diversidade das interpretações de que trata Ana Maria Machado (2009), já que os desenhos apresentados remetiam a diversas características que poderiam acarretar em diferentes finais. Isso foi intensificado na medida em que foi revelado o “monstro” do enredo, pois se constatou que o vilão era falso e não apresentava perigo real, mostrando que “as aparências enganam”.

Somado a isso, notou-se que os desenhos dos alunos continham elementos ligados ao interesse particular, como vilões semelhantes aos desenhos de super-heróis, animais de estimação, bonecos, seres aquáticos ou extraterrestres, em articulação com as ideias de Alberto Manguel (1997). A relação justifica-se porque as experiências individuais são articuladas no contexto de leitura, numa fusão entre as pistas que o texto fornece e a compreensão de cada leitor do que é lido, movimentando traços de suas vivências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a atividade aqui descrita, conclui-se, primeiramente, que as crianças identificam com motivação o momento da contação, interagindo e se dispondo a participar das tarefas com entusiasmo. Em segundo lugar, houve progresso na expressão oral, por conta da desenvoltura com que cada aluno apresentou seu desenho. Também, houve avanços na prática de escrita, justamente pelo esforço de uma turma em alfabetização em procurar saber escrever o nome de seus “monstros” recém-criados.

Enfim, as práticas desenvolvidas ao longo do projeto mostraram-se proveitosas, tanto para os alunos da escola Valdir Castro, quanto para os acadêmicos voluntários, visto que o projeto oportuniza o contato com a leitura e as suas linguagens e o conhecimento das rotinas docentes.

REFERÊNCIAS

- LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PINTO, Gersa Rodrigues. *O mistério da floresta*. Belo Horizonte: Editora Fapi LTDA, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1991.